

# Escolas do estado terão horário dos Cieps

JORGE ANTONIO BARROS

— Como se explica o fato de o Estado de São Paulo, o mais rico da federação, pagar ao professor um salário inferior ao que é pago ao do Estado do Rio?

— A explicação é simples. O governador do Estado de São Paulo não tem o mesmo compromisso com a educação que tem o governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, que paga o maior salário para o professor, se comparado com o dos outros estados. Ainda assim, ele reconhece que o salário é baixo e cobra do secretário gestões no sentido de encontrar maneiras de racionalizar a estrutura administrativa da secretaria para se criar condições de pagar um salário melhor. Essa racionalização resume-se no seguinte: temos hoje 81.035 professores e estou convencido que, com a metade desse número, cerca de 36 mil, vamos atender a toda a demanda.

— Mas o Sepe garante que o déficit de professores já está torno de 8 mil.

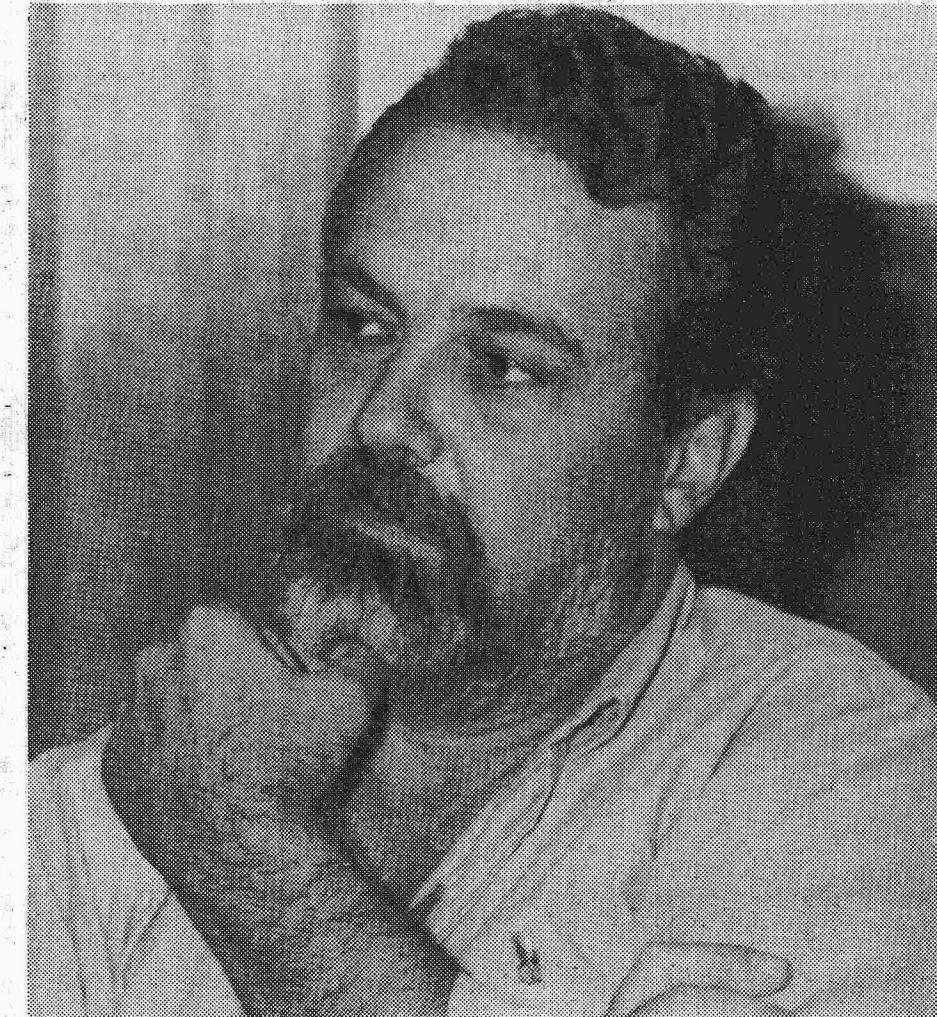
— Absolutamente, não é verdade. A nossa auditoria tem descoberto todos os dias cerca de 300 vagas ociosas nas escolas já em funcionamento, porque as diretoras dificultam a matrícula do aluno. As direções terão que buscar lotação ideal, promovendo racionalização interna.

— Como o senhor pretende colocar em prática um projeto de aumento do salário do professor, para US\$ 1 mil, com a redução simultânea do pessoal?

— Nos próximos dias será apresentado um projeto de lei com o objetivo de padronizar a jornada de trabalho dos professores. Esse seria o primeiro passo na direção da unificação da carga horária. Todos têm que trabalhar 40 horas, como qualquer trabalhador brasileiro.

**O professor tem que trabalhar 40 horas, como qualquer trabalhador**

□ Com sete meses no cargo de secretário estadual de Educação, Noel de Carvalho, ex-prefeito de Resende, garante que já teve superado o preconceito inicial dos professores da rede pública de serem chefiados por alguém que não é professor. Apesar de nunca ter comandado o quadro-negro — a julgar pelos números apresentados pela secretaria —, Noel está dando aula de racionalização da administração pública, a exemplo do que fez na prefeitura de Resende. E anuncia que a partir desta semana várias escolas convencionais começam a ser submetidas a um processo inédito de ciepização — ganham o horário integral como os Cieps. Com a descoberta de espaços ociosos nas escolas, Noel resgatou para o atual ano letivo 11 mil vagas que estava perdidas na burocracia da administração pública. No meio da greve dos professores do estado — que deixou 1 milhão e 200 mil sem aulas — Noel admite que o estado ainda está longe do salário idealizado por ele para o professor da rede pública — US\$ 1 mil — com a redução do quadro de professores pela metade.



— Quanta ganha um professor no Estado do Rio?

— Um professor que dá aula de 1ª a 4ª série, em sala de aula, com uma matrícula (22 horas semanais), em início de carreira, começa com CR\$ 22.551,20. Se ele trabalhar oito horas por dia — o nosso desejo e a realidade da maioria dos professores da rede, com duas matrículas — ganha CR\$ 45.112,40, se tiver o segundo grau completo. O profissional com nível superior tem uma jornada reduzida por uma matrícula de 16 horas semanais ou por duas de 32 horas sema-

nais. Sua remuneração inicial é de CR\$ 45.452,80.

— Mas o Sepe reivindica um piso salarial de cinco salários mínimos.

— Temos certeza de que o salário que pagamos hoje ao professor não é o salário que gostaríamos de estar pagando, que o professor merece e precisa. Desde o início do governo Brizola, se esses salários forem convertidos em qualquer moeda estável, UFERJ, dólar, vamos perceber que houve um reajuste de mais de 100%. Em março de 91, o professor ganhava o equivalente a 4,28 UFERJs, enquanto que em setembro deste ano ganha o equivalente a 9,27 UFERJs.

— Quantos professores estão fora da sala de aula?

— Acreditamos que perto de 20 mil professores estão fora da sala de aula, em atividades que não são educacionais. Descobrimos em algumas escolas salas de leitura com 11 professores. Eles estavam escondidos.

— Se a secretaria tem feito esforços para aumentar o salário do professor, o que os levou a fazer greve? O senhor não havia prometido manter diálogo com o Sepe?

— Mais do que diálogo com o Sepe, tenho dialogado com a categoria como um todo. Devo confessar que,

pessoalmente, tenho tido certa dificuldade de conversar com alguns diretores do Sepe, o Alcebíades, a Carmem Túbio e até com a própria Florinda Lombardi. Eles são muito educados mas a conversa com eles é complicada porque eles mentem muito sem nenhum constrangimento.

— O senhor quer dizer que a greve foi política?

— Não tenho dúvida de que alguns membros da diretoria do Sepe estão transformando a entidade num braço eleitoral do PT e a da CUT. Então não há possibilidade de acordo ou de entendimento, porque eles querem o confronto, bater no Brizola, desgastar o Brizola. É uma greve política e eleitoral mesmo.

— Até 94 é possível se realizar a promessa feita pelo governo, de construção de 500 Cieps?

— Mais do que isso. Vamos atingir até o início do ano letivo de 94, a meta de 509 Cieps. Hoje, 247 estão prontos — além de cinco Ciacs, que atendem no período diurno 150 mil crianças e, à noite, no projeto educação juvenil, 100 mil jovens.

— É possível se implantar a filosofia dos Cieps em escolas convencionais da rede pública?

— Estamos agora implantando o projeto chamado Ciepização das escolas, que é transformar as escolas convencionais em colégios de horário integral. O Ciep não se resume à brilhante arquitetura de Oscar Niemeyer. É uma proposta educacional, que pode ser adequada a muitas escolas da rede convencional. Já temos experiências inéditas como a da Escola Técnica Estadual Juscelino Kubitschek, com especialização em patologia clínica, que será a primeira escola técnica com horário integral do Estado do Rio.

**O diálogo é difícil porque os diretores do Sepe mentem muito**